

8.

RODAS LITERÁRIAS: VOZES E AFETOS

Lilian Patrícia R. Tavares
Eduardo Simonini

Introdução

Uma roda formada por pessoas é mais do que uma proposta de posicionamento geográfico. Diz igualmente respeito a um dimensionamento de hierarquias, distribuição dos olhares, incremento da vigilância, assim como também indica o movimento de convite a uma maior horizontalização das relações. O educador Paulo Freire celebrou as rodas como processos de interação/aprendizagem quando propôs os Círculos de Cultura, em que, numa relação ideal, todos os envolvidos se colocariam na posição de aprendentes em uma atitude de partilha e colaboração. E, a exemplo das Rodas de Cultura de Freire, uma roda de leitura literária tende a ter por objetivo a produção de um senso de comunidade, proporcionando espaços em que os sujeitos ouvem tendo sido ouvidos, no agenciar encontros entre pensamentos, sentimentos e experiências.

As rodas de leitura são gestadas em diferentes dinâmicas de funcionamento, mas, geralmente, a sua rotina envolve apresentar um autor e sua obra; a leitura do texto em si e o desenvolvimento de uma conversa-debate-discussão sobre a obra lida. A obra a ser lida tende a ser escolhida por um mediador, ou pelos próprios participantes, por meio de votação em torno de obras selecionadas pelo mediador. Há também ocasiões em que o mediador apresenta os textos como um elemento surpresa para os participantes e estes textos são potenciais disparadores de trocas para o pensar-sentir no grupo.

E foi a partir de acompanhar uma roda de leitura que, neste artigo, discutimos os processos de subjetivação ativados na apresentação

de um texto em uma roda literária, especialmente aquela coordenada por Mozilene Neri Barbosa. Esta conduz um projeto denominado “Rodas Literárias” (<https://www.rodasliterarias.art/>) e se apresenta aos participantes como Mozi Neri. Graduada em letras e mestra em Educação, foi ainda quando cursava o Ensino Médio que, durante um curso de teatro, teve contato com a experiência de leitura de um texto em uma roda. Alguns anos depois, Mozi iniciou seu papel como coordenadora e interlocutora nos diálogos de encontros com leitura literária em oficinas de bibliotecas públicas. Em sua dissertação de mestrado, Mozi relata que:

[...] desde 2008, trabalho com leitura literária em espaços extraescolares e, durante esse processo de aprendizagem, de percepção e despertar nas leituras, constatei uma recepção e abertura em muitas pessoas que ainda não tiveram um contato mais aprofundado com o texto literário. Talvez pela forma distanciada como a literatura seja tratada na Escola e fora dela, em cursos essencialmente teóricos, talvez pela ausência de uma interlocução mais livre e atenta do(a) professor(a), educador(a), e não a simples evocação de características do Realismo na obra de Machado de Assis, por exemplo. Provavelmente, essas duas questões – o distanciamento da literatura como parte da própria vida e a falta de empatia do educador com o texto literário – cabem no espanto e deslumbramento quando vemos jovens e adultos encantados por alguma passagem literária lida nesses encontros. (Barbosa, 2016, p. 14)

E continua:

Na BPN, as rodas eram chamadas de “Rodas de Leitura”, mas na BPEZ resolvi mudar para “Rodas Literárias” por dois motivos: o primeiro, pela questão de que todos os textos que líamos eram textos literários; o segundo, por uma homenagem às rodas literárias formadas entre as décadas de 20-30 do século passado, pelos escritores Mário de Andrade e José Lins do Rêgo. Apesar de terem outros objetivos, diferentes do nosso, essas rodas se apresentavam como um espaço de escuta e partilha de ideias, impressões. Esse “grupo de amigos” escritores também sugeriu ao grupo das rodas, lá e cá, que a afetividade é caminho

fundamental do encontro, e por ela continuamos a seguir.
(Barbosa, 2016, p. 15)

As reuniões do projeto “Rodas Literárias” começaram presencialmente em bibliotecas no estado do Rio de Janeiro e hoje estão na rede de conexões online, aproximando pessoas residentes em vários estados brasileiros e em outros países. Esta mudança no ambiente em que as rodas eram realizadas ocorreu em 2021, pois, diante do isolamento social dado pela crise sanitária mundial iniciada em 2020, um projeto que seria realizado presencialmente teve de ser efetuado no formato online. Por trabalhar com projetos e oficinas de leitura em bibliotecas e outros espaços, Mozi se adaptou aos novos recursos tecnológicos e passou a realizar encontros informais tanto presenciais quanto em ambiente virtual. Para Mozi:

As Rodas – diferentemente dos clubes – não requeriam que os participantes conhecessem ou tivessem lido os textos previamente, pelo contrário, o não-saber e o não-ter-lido eram essenciais, pois a proposta dos encontros era justamente desmistificar alguns preconceitos em relação ao texto literário.
(Barbosa, 2019, p. 24)

No período da pesquisa realizada, os encontros organizados e mediados por Mozi Neri ocorreram em ambiente virtual (Google Meet), com frequência quinzenal às terças-feiras de cada mês, com uma média de 15 participantes em cada reunião e com duração em torno de duas horas por encontro. E em cada reunião do grupo sempre havia a leitura de um conto como motivador para as conversas. Esse gênero literário, capaz de capturar e expressar de forma breve e concisa a complexidade da experiência humana, tem o escritor argentino Julio Cortázar entre seus mais significativos representantes. E sobre o caráter peculiar do gênero conto, Cortázar diz que:

O fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam significativos, que não só valham por si mesmos, mas também

atuem no espectador ou no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto. (Cortázar, 1993, p. 151-152)

Mediante o efêmero, que pode ser tão intenso a ponto de nos fazer transcender uma superficialidade, provocando ebulições em nós, o encontro na roda, a partir da leitura do conto escolhido, tornou-se um tanto flexível e dinâmico. Esse plano coletivo de forças está no movimento da conversa que se dá a partir do conto. Neste contexto, a mediadora desempenhava um papel de facilitadora, interventora e elo que aproximava os participantes dos contos escolhidos por ela. A mediadora propunha a produção de um pensar e “con-versar” com o conto, não sendo este um centro inquestionável. Deste modo, na experiência em grupo, a atenção estava aberta aos encontros em um tempo mais lento, como nos propõe a leitura que se entremeia com a escuta, tanto das palavras pronunciadas quanto dos silêncios. E nessa trama ouvimos nas entrelinhas, percebemos onde se coloca ênfase, silêncio e o inesperado. Como nos coloca Cecília Bajour (2012),

A escuta da interpretação dos outros se entremeia com a nossa. Os fragmentos de sentido que originamos nesse encontro, quando entram em contato com os fragmentos de outros, podem gerar algo novo, algo a que talvez não chegaríamos na leitura solitária. Escutar, assim como ler, tem que ver, porém, com a vontade e com a disposição para aceitar e apreciar a palavra dos outros em toda sua complexidade, isto é, não só aquilo que esperamos, que nos tranquiliza ou coincide com nossas interpretações ou visões de mundo. (Bajour, 2012, p. 24)

Fluxo nas interações

Para o mergulho no grupo Rodas Literárias, optamos por realizar uma investigação cartográfica, na busca por seguir as intensidades que solicitavam passagem na relação entre conto e leitores. Contudo, para apresentar o entendimento que temos sobre uma pesquisa cartográfica,

faz-se necessário que primeiro apresentemos o conceito de rizoma, como pensado por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Nesse sentido, Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997) “roubam” o conceito de rizoma da botânica, na qual este se apresenta como um caule modificado com a função nutricional para a planta. Um rizoma pode ser subterrâneo ou aéreo e se apresenta como uma malha conectiva que se espalha por uma superfície. Um exemplo comum de trama rizomática é a grama, sendo que esta não possui uma raiz central, mas hastes que se conectam. Assim, não tendo um centro principal, um rizoma se esparrama, se rompe e se articula em diferentes dimensões. Nesse sentido, Deleuze e Guattari consideram que a realidade pode ser compreendida como um rizoma, no sentido de que não há um núcleo universal a compor o cerne do real, mas dimensões de diferentes naturezas (psíquicas “e” políticas “e” estéticas “e” artísticas “e” econômicas, e...e...e...) que se transversaliza na composição de uma realidade sempre rizomática. Assim, um rizoma não se conjuga com o verbo “ser”, mas com a conjunção conectiva “e”, no fazer núpcias entre diferentes elementos.

Como um rizoma é feito de ligações e rupturas, para Deleuze e Guattari, ele pode ser cartografado, uma vez que a prática do cartógrafo se envolve na produção de um mapa. O que faz com que Rolnik (1989) afirme que, ao seguir as linhas de um rizoma a compor paisagens sociais, estas são também cartografáveis, uma vez que:

A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros (...). Sendo tarefa do cartógrafo dar voz a afetos que solicitam passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo. (Rolnik, 1989, p. 15-16)

Assim, podemos pensar que nesta forma de pesquisa cartográfica, no seguir as tramas de um rizoma, o conhecimento se expressa nos agenciamentos, isto é, efetuando “o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de

que se dispõe” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 14-15). E, desse modo, “um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões. Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 17).

Dessa maneira, ao acompanhar, por uma perspectiva cartográfica, a Roda Literária do grupo de Mozi, nos pautamos por seguir, nas interações que se produziam no calor vivo dos encontros, as produções de realidade a traçarem um mapa que se construía em meio aos afetos, tons de voz, estranhamentos, reflexões...; que emergiam a partir do conto lido e que se fazia aberto e conectável em diferentes dimensões. Assim, realizamos um estudo processual, tendo por objetivo acompanhar processos a ganharem existência nos encontros com as “Rodas Literárias”. Participamos de 6 encontros, nos engajando a esse grupo de leitura literária para acessar o plano rizomático de forças gerado em cada encontro, com suas indeterminações e “pluralidade de vozes na experiência compartilhada do dizer” (Tedesco; Sade; Caliman, 2013, p. 317). Dessa forma, nos envolvemos nas malhas de agenciamentos e experiências “engendradas em linhas de intensidades diversas (biológicas, políticas, linguísticas, econômicas, estéticas etc.) a indicarem movimentos que traçam um mapa de intensidades e afetos no compor de territórios existenciais” (Simonini, 2019, p. 5).

Assim, é a partir dessa perspectiva que apresentamos a cartografia de realidade que compomos em um dos encontros do grupo, especialmente naquele em que foi lido o conto “Da Família”, de autoria do português Valério Romão.

Vozes e sotaques

Ritual de abertura do encontro com a entrada dos participantes e as saudações corriqueiras. Conversas eventuais. Por ser um texto escrito em português de Portugal, o convite à leitura do texto é feito a uma participante que compartilha a pronúncia característica para a

leitura do conto, visto que é angolana e transita por Portugal periodicamente. E, já esperando este convite, ela declara que leu o texto anteriormente para ter um compasso adequado na leitura em grupo. Dezessete pessoas estavam, de forma online, presentes àquele encontro.

Mozi comentou que era estranho aquele conto não ter tido uma adaptação para o português do Brasil. O conto está no livro de Valério Romão, “Da Família” (2014), publicado por uma editora portuguesa. Com isso, falas relacionadas a traduções, adaptações, autores/as portugueses/as publicados/as no Brasil, autores/as brasileiros/as publicados/as em Portugal e Língua Portuguesa sendo percebida como única impulsionaram diálogos por um bom tempo.

Uma participante mencionou que leu o texto em inglês, publicado na revista *Granta*. Mozi comentou um pouco sobre esta revista e reiterou o convite para outras atividades que integravam as Rodas Literárias.

Avisos dados, começa-se a leitura.

Da Família – Valério Romão
À medida que fomos recuperando a mãe

Nos primeiros tempos depois da morte da mãe, cá em casa não se podia rir, correr, ver televisão ou mesmo comer. Estávamos obrigados, pela onnipresente tristeza do pai

que não saía do quarto, da cama, encharcando almofadas até dormir sobre um lago de lágrimas

a sofrer num registro de penitência, de cilício à volta da anca, até ficarmos todos e em simultâneo muito magros e mal-encarados e sermos incapazes de fazer as coisas da escola, porque o cérebro, aflito de combustível, já só dava conta dos processos básicos pelos quais as pessoas mantêm a vida, o que não é, de todo, o caso da educação.

Quando o meu irmão de 13 anos desmaiou no pátio, alguém, no conselho directivo, deduziu acertadamente ser hora de intervir num luto que, de prolongando, ameaçava proliferar, fazendo outras vítimas. Os professores de Física e de Religião e Moral vieram cá a casa e o meu pai, levantando-se a muito custo da cama

a primeira reação foi despedi-los com a ponta dos dedos, não quero ver ninguém, sussurrava por detrás de uma almofada que o protegia da luz parda do candeeiro

recebeu-os à porta, desganhado e sujo, as pálpebras tombadas num desânimo de halterofilistas que nunca chegam a passar do meio do arremesso, as calças de pijama presas pelas tenazes dos dedos a tentarem continuamente sair-lhe do corpo, de escanzelado que estava, e a voz

o meu pai tinha uma voz que me fazia estremecer de alegria por dentro, assim como fazia o cheiro a cerveja no hálito dele quando me dava um beijinho rudimentar de boas-noites ou o odor a cigarro nas pontas dos seus dedos quando estes me alisavam a bochecha vincada de um sorriso

a rastejar sem energia a subida olímpica pela traqueia, cuja função, nos últimos dias, era apenas a de se ocupar de ver distribuída a saliva que acompanhava em baixo registo a produção contínua de lágrimas: posso ajudá-los?

E eles explicavam a preocupação que alastrava pela escola e da qual eles eram porta-vozes igualmente apreensivos, porque quatro crianças sem o adequado cuidar de um adulto facilmente acabavam por passar necessidades e

céus, nem eu nem o professor Vitor queríamos expor isto assim de chofre

é até possível virem a considerar que só o submundo do crime, das drogas e da violência gratuita, com as suas recompensas ilusórias de riqueza e facilidade, lhes pudesse prover o que a família, em casa, não conseguia nem detectar como necessidade e o que a escola, na parca competência da sua alçada, não pode remediar senão pela caridade, percebe, Sr. Siva, a raiz dupla do problema, continuava o físico, desfiando o resto do discurso no registo próprio de quem come e arrota algoritmos, transformando o mundo de todos os dias num alegoria de *rally-paper* a ser cumprido com pontualidade kantiana.

O meu pai, deixado de os ouvir ou de lhes dar importância e mirando num registo de telescópio a casa transformando-se, na sua ausência, num pardieiro ocupado por adolescentes pré-púberes e crianças

acabadas de sair do colo e das fraldas, dava conta, numa epifania doméstica pela qual agradecia a deus o fato de estarmos todos vivos e se culpava por termos chegado àquele ponto de degradação, de que não podia continuar deitado à espera de que a carroça da morte passasse de novo ou desse meia-volta e de lá trouxesse a mãe, lívida na chegada até ele a cobrir de beijos e de calor, como cuidou de fazer incessantemente até lhe tirarem dos braços para finalmente a terra a receber.

Vou tratar de tudo, interrompeu o meu pai, vou tratar de tudo, obrigado por terem cá vindo e à medida que articulava sílabas atrás de sílabas, numa toada de quem recupera de um avecê, ia fechando a porta sobre os dois professores que, do outro lado, diziam os últimos obrigados e tenha cuidado com os quais se despediam de uma tarefa decerto desagradável para ambos.

Depressa o meu pai recolheu à cama e à tristeza, abandonando a resolução energética advinda da contemplação do nosso estado. Deitou-se sob as mantas e ali carpiu outra noite e outro dia inteiros, até que nós, regressados da escola, decidimos

na verdade, eu e o meu irmão, que tínhamos 12 e 13 respectivamente, visto os de 4 e 3 não contarem para aquele singular sufrágio

que aquilo tinha de ter um limite, e esse limite não podia ser a progressiva e aparentemente inevitável extinção de toda a família, e sentámo-nos a gizar um plano para o atrair para fora da cama e lhe enfiar, bucho abaixo, pelo menos um naco de pão torrado na torradeira, que só eu possuía permissão para manusear. Arranjávamos a mesa redonda da sala, forrámo-la de uma toalha em muito bom estado, normalmente reservada para os anos-novos e baptizados, escura, numa clara subserviência ao clima que assentara ferros lá em casa e, como toque personalizado, pusemos um lugar a mais para a mãe, e ao lado do prato dela, onde também haveria de cair uma torrada que ninguém teria o direito de surrupiar num momento de distração colectiva, por respeito à memória e por vinculação convincente com a realidade recém-construída, a fotografia do casamento, tirada há uns bons quinze anos, em que ela exibía um sorriso que, embora parado e fixo no tempo, nos convocava

sempre a mimetizá-lo, numa empatia magnética da qual por vezes já não dávamos conta.

Dissemos aos mais novos para arrancarem o pai da cama, independentemente de como ele reagisse. Era imperativo que ele se levantasse e comesse, não só para não o encontrarmos, mais dia menos dia, inerte como aqueles cães atravessados a estrada a correr na direção dos faróis do carro e tombando finalmente numa valeta, de onde já só saem desfeitos com a vinda das primeiras chuvas, mas também para que a vida, perigosamente em suspenso por cima de nós num assomo de chuva ácida, prosseguisse, a despeito de a morte lhe haver arrancado um bocado, talvez o bocado maior, talvez o bocado mais importante.

Quando o pai chegou à mesa pela mão dos manos, puxando-o como se do Natal se tratasse e ele estivesse obrigado a distribuir as prendas, começou por desfazer o arqueamento a que a fome e a tristeza lhe sujeitavam as costas e, pegando na moldura da mãe, muito reverente, levou-a ao peito e chorou, chorou, chorou, e aos poucos nós fomo-lo abraçando, também a chorar, e no fim éramos cinco corpos entretidos na resposta monofásica ao estímulo da morte em retrospectiva.

Nos dias seguintes repetimos os lugares na mesa e o destaque à mãe, por via da colocação em local visível para todos da moldura onde ela dormia, angelical. O pai já saía da cama mais vezes e por mais tempo e envolvia-se, inclusive, na preparação do jantar, a única refeição, à parte do pequeno-almoço de fugida, em que estávamos todos uns com os outros. Aos poucos fomos conseguindo que o pai readquirisse alguns hábitos salutareis – como comer ou vestir-se ou lavar-se, tudo ainda muito irregularmente feito – pelos quais aferimos o seu grau de ancoragem à vida e ao seu carrossel incessante, e se havia dias menos bons, nos quais só com muito esforço conseguíamos tirá-lo da cama, após muitas lamentações e a chantagem de natureza espírita segundo a qual a mãe iria ficar chateada se o pai não comece, havia outros que corriam bem, dias que eram como brisas de Primavera nas quais o sol, ainda escondido, já se pressente.

Um dia, à mesa, à hora de jantar, o mano mais velho rebentou a dizer umas piadas que ouvia lá na escola

porque aquela solenidade imposta agia em nós como uma mola dentro de uma caixa fechada, exigindo-nos atenção incessante e capacidade para não sorrir de absolutamente nada e o pai cabisbaixo e pouco cooperante com a função de comer, foi-se levantando devagar, deixando a mesa aos convivas, incapazes, uma vez na vida, da obediência à tarefa de se debruçarem em continuo sobre o âmago das suas próprias feridas, e o meu irmão, com a faceta de aluado que o meu pai reprimia com as mesmas intensidade e proporção que a ,minha mãe gabava e encorajava, quando viu o meu pai dobrar a esquina do corredor, desatou a imitar a minha mãe, a sua voz, o seu sotaque, a sua forma muito particular de fazer de qualquer final de frase um doce pronto a enroscar-se no lóbulo da orelha de quem a ouvisse, e nós ficamos aterrados, os manos mais novos e eu, porque o mano mais velho estava em nítida transgressão das mais elementares regras sub-reptícias que regiam o luto naquela casa e vimos o meu pai a volta, primeiro tacteando as paredes, no pico da confusão

porque o meu irmão soa à minha mãe, soa tão bem à minha mãe que me dá logo um choro e só a custo o abafio e logo depois, apoiado sobre as costas da cadeira vazia , a sorrir um sorriso terno e inesperado, como já não se lhe via desde os dias do hospital, do internamento, da quimio, da rádio, da operação pela qual lhe transformaram os peitos em duas cicatrizes com a feição de um par de sobrolhos zangados sobre o diafragma, e o meu irmão, de cuja testa pendiam umas gotas de suor, malgrado a temperatura amena, por saber do perigo de lidar com uma matéria-prima que manipulava sem lhe poder imprimir cadência de destino, continuava, dirigindo-se cada vez mais directa e frontalmente ao meu pai, pedindo para ele se sentar, para ele comer, para ele pôr aquela gaiatada em ordem, como era costume fazer quando a gente começava a gritar ou a brincar com a comida em pequenos trampolins de colher, e o meu pai sentava-se, ainda sorrindo, e fazia-nos, com o indicador na boca, o gesto para que nos calássemos e ouvíssemos a mãe, como ele, que a mãe tinha razão, tinha sempre razão.

Com o passar do tempo a gente habituou-se a ouvir o meu irmão fazer de minha mãe, especialmente ao jantar, quando o meu pai, regressado pela segunda vez ao trabalho

da primeira vez que voltou, fechou-se o dia inteiro na casa de banho e tiveram de chamar os bombeiros, dado nem conseguir abrir a porta

queria falar e queria, sobretudo, que lhe fizessem perguntas como só podem ser feitas na unidade cúmplice de um casal, e o meu irmão cuidava de as produzir em forma e conteúdo, magnificamente, e lá cavaqueavam os dois, e nós assistíamos, como sempre, como dantes, e o meu irmão ao lado da fotografia da minha mãe, à mesa, parecia às vezes uma daquelas taradas a quem entram pessoas adentro para se lhes apossarem das cordas vocais e da capacidade de rotação vertical dos olhos.

À noite, quando o meu pai se ia deitar

o que perdera em fome ganhara em sono eu e o mano ficávamos acordados a ver as telenovelas e os filmes europeus nos quais as coisas da vida dos casais, desde as mais triviais às mais profundas, eram esmiuçadas, e tínhamos a sensação de que absorvendo e digerindo aquilo nos tornávamos mais capazes

sobretudo ele, que se esforçava sozinho ao espelho a repetir-se, no registro de quem se prepara para uma peça de perceber a importância dada pelos adultos às coisas que nós apenas ao de leve sabemos existirem, e dia após dia o nosso vocabulário ia adquirindo tonalidade de gente grande, palavras que o meu irmão punha à prova pela boca da mãe ao ouvido do pai, dizendo umas coisas que aos mais pequenos davam para franzirem a testa de incompreensão e que ao meu pai, contrariamente, despertava, o sorriso ou mesmo, quando o meu irmão, muito certo, chegavam muito perto, a sonora gargalhada, contagiosa, porque o meu pai a rir era a única razão pela qual se dispensavam todas e quaisquer outras para nos fazer rir.

Um dia o meu pai chegou à casa e disse-me para não fazer o jantar, que ele tinha passado por uma churrasqueira e tinha trazido uns frangos e um par de garrafas de tinto, para comemorarmos. Numa felicidade só,

desatei aos pulos e abracei-o, perguntando-lhe, enquanto ele me sustinha pela cintura, o que comemorávamos afinal, visto a gente há tanto tempo não comemorar nada naquela casa, nem o final de trimestre muito aceitável de todos na escola, para quem tinha passado por tanto em tão pouco tempo, e o meu pai disse-me ao ouvido, muito terno, que comemorávamos o aniversário da mãe, eu esquecida disso, assim como todos em casa, menos o meu pai, apesar de ainda há uma semana eles terem falado dos anos dela ao jantar.

O pai, nessa noite, pediu-nos, aos miúdos, como nos chamou, o obséquio de jantarmos na cozinha, enquanto ele e o mano o fariam na sala, como um verdadeiro casal, porque nem sempre a gente podia ou devia interrompê-los, dizia, dado a cumplicidade não ser passível de construção entre convivas nem estádio apinhado de gente, queixava-se, e ele e a mãe haveriam de jantar mais vezes sozinhos, e a isso nós teríamos de habituar, porque havia espaço para aqueles dois mundos, finalizava, ou não havia espaço para nenhum, compreenderam, terminava assim o pai aquela prelecção, interrogativamente, ao qual a gente respondia com a cabeça que sim, só porque estávamos, desde o início, aturdidos a abaná-la.

Não comi nada com medo de o meu irmão não ser capaz de se aguentar firme na pele da minha mãe durante tanto tempo sem que eu estivesse lá para lhe enfiar uma canelada ou lhe atirar um sorriso desdenhoso de reprovação, e só quando o vi sair da sala, ele primeiro, muito sorridente, e o meu pai logo a seguir, meio torto

ainda cheguei a pensar que o meu irmão lhe pudesse ter enfiado um sopapo por alguma coisa que o pai tivesse dito ou mesmo para tentar fugir dele

do vinho que beberam ao jantar e ao qual já não estava habituado, é que pude sentir algum alívio, e quando o meu irmão e ele entraram na cozinha tive a ilusão de estar a vê-los outra vez, ao meu pai e à minha mãe, depois de voltarem do teatro ou do cinema e de novo apanharem ainda a todos nós acordados, apesar das promessas que a *baby-sitter* fazia de que estaríamos a dormir, e que a gente se encarregava de espatifar ao pedirmos copos de água, histórias e chichi até os pais chegarem,

cansados e a felizes, e partilhamos isso todos juntos, o cansaço e a felicidade.

Os jantares de casal instituíram -se lá em casa e já aconteciam pelo menos uma vez por mês, altura em que nós, os miúdos, comíamos na cozinha umas pizzas que o meu pai trazia ou, na pior das hipóteses, uma massa com atum desenrascada à última hora, quando ele não tinha tido tempo ou paciência para passar pela pizaria, e eles comiam na sala e ouviam-se os risos de ambos e o tilintar dos talheres nos pratos, à cata das iguarias de que só sentíamos, e ao longe, o cheiro.

Com o tempo, o meu irmão começou a ficar cada vez mais autoritário e intransigente. Mandava-nos vestir, despir, lavar os dentes ou fazer trabalhos de casa e já nem cuidava de o fazer na voz própria dele mas sempre na da mãe, que se perpetuava até entrar na escola e, contrariado, ter de fazer de miúdo de 13 anos para miúdos de 13 anos, uma e outra vez. Às vezes apanhava-o no intervalo de uma aula e obrigava-o a pedir-me desculpas por me ter tratado mal na noite anterior ou por não falar mais comigo como dantes, quando éramos só irmãos, e ele lá me ia lambendo as feridas para não me ver triste ou apenas para eu me calar, nunca perceberei exatamente porquê, e mais um dia se passava e a minha família multiconfigurada, era uma coisa de dia e outra de noite e ninguém parecia conseguir fixar um registro de identidades que, no decurso do tempo, fossem única e apenas aborrecidamente iguais.

Quando nos começávamos a habituar a uma coisa, fosse aos jantares a dois ou às diatribes do meu irmão, acontecia uma mudança qualquer pela qual tínhamos de voltar a pôr em foco todos os planos para o futuro. Certa noite, o pai, readquirindo progressivamente hábitos que havia largado aquando da morte da mãe, começou a discutir com o meu irmão, o meu pai que já bebera mais do que a conta, a gritar-lhe que estava farto de estar em casa sempre fechado, como um animal ou um incivilizado, ele não tinha peste, nem ele nem ela, repetia, e nós, calados sobre os pratos, apenas podíamos aceder a um olhar de circunstância pelo qual o víamos a emborcar, entre gritos, os copos de vinho sucedendo-se, e o meu irmão, munido de uma certa forma feminina de

ignorá-lo, apenas lhe aconselhava calma, pelo menos em frente aos miúdos, repetia, pelo menos por respeito a eles.

As noites seguintes foram de aparente e relativo sossego. O estado de zanga entre eles tinha-se instalado de tal forma que o jantar, normalmente passado em registro de conversa pela qual se punha em dia o presente construído fora dali, era novamente um momento solene pelo qual nos encarregávamos de mostrar ao criador o peso do tédio nas nossas existências. Foi só quando, numa noite inspirada, o meu irmão surgiu à mesa com uma peruca loira, tal qual o cabelo da mãe, que o meu pai, atordoado com o imprevisto do acontecimento, decidiu, por meio da evocação de uma sonora gargalhada, seguida de um carinho na peruca farta do meu irmão, dissipar o clima de nervos e decretar o fim do reconhecer obrigatório a que o riso havia estado submetido. A vida familiar decorreu normalmente durante o segundo trimestre escolar. De dia cuidávamos de ser apenas os sobreviventes cada vez mais maduros do desastre de perder a mãe e de noite reinventávamo-nos, especialmente o meu pai e o meu irmão, e naqueles papéis vivíamos duas vidas distintas, hermeticamente seladas, como personagens em trânsito entre papéis e peças. O meu irmão não conseguia evitar uma cada vez maior distância em relação a nós, “os miúdos”, porque a nossa presença reforçava, por contraste, a natureza falha da personagem que ele se entretinha a aprimorar de dia para dia, afastando-se cada vez mais de ser meu irmão e aproximando-se cada vez mais de ser a minha mãe, transversalmente regressada, a quem eu já me surpreendia a fazer pedidos de roupa, para ele os repetir ao meu pai, ou aquilo que queria para os anos, como fazia dantes, com ela.

Um dia o meu pai, novamente bêbado

um hábito que ele andava a reaprender com demasiada frequência chamou-nos à sala, arrastando-nos pelos braços com inaudito vigor, andem cá, repetia, andem cá, meus mandriões, vamos fazer-vos uma surpresa, e pouco mais dizia, também porque o álcool não lhe despertava propriamente a diversidade lexical e nós, semiassustados com a intensidade da presença física do meu pai naquele estado, lá o

seguíamos, eu a sossegar os mais novos, agarrando-se um ao outro e a mim, e quando chegámos à sala, o meu pai muito solene

meninos, dêem as boas-vindas à vossa mãe e lá estava o que percebi a custo ser, só algum tempo depois, o meu irmão, vestido de mulher, vestido como a minha mãe se vestia, uma saia e uma camisa com uns folhos brancos, muito penteado e muito maquilado, o meu irmão livre dos pêlos nas pernas de que se gabava ainda há menos de dois meses e meu pai ladeando-o como se o apresentasse pela primeira vez à família e os miúdos a desatarem num pranto apenas para catalisarem com isso a explosão de fúria do meu pai, que vociferava: fora, rua, nem a vossa mãe sabem receber, que vergonha, e eu dava as mãos aos miúdos e enquanto saímos da sala, apressadamente, ouvíamos o meu irmão

na voz cada vez mais impecável da minha mãe calma, querido, a culpa não é deles, dá-lhes tempo, hão-de perceber e aceitar, dá-lhes tempo, dizia o meu irmão, e o meu pai calava-se e a gente deixava de os ouvir, até que ambos, a gente nem sabe bem porquê, rebentavam do quarto numa gargalhada.

...

A participante que fez a leitura não quis iniciar a conversa. Preferiu fazer seus comentários posteriormente. Sua voz produziu um efeito de expressão. Silêncio. Assim, a única participante que estava com a mão levantada até então e, pela primeira vez na roda, começou mencionando a versão do texto em inglês. Ela havia lido na revista *Granta* e ficou “muito impactada” com o conto. Na versão em inglês, a gargalhada ao final gerou incômodo, pois, tendo em vista o comportamento dos brasileiros, a risada remete a algo sutil, dissimulado, sugestivo. E como essa conclusão forte, “um soco no estômago”, mostra o poder dos contos de surpreender os/as leitores/as, tornando-os significativos quando “alguma coisa estala neles enquanto os lemos, propondo-nos uma espécie de ruptura do cotidiano que vai muito além do argumento” (Cortázar, 1993, p. 153).

Nenhuma mão levantada. Ausência de vozes vibrando sobre o estranhamento. Mozi comenta que mais de uma leitura deste conto ajuda a perceber detalhes do encadeamento do que foi acontecendo desde a

morte da mãe. E pergunta se percebemos que quem está narrando é uma menina. A filha é um pouco mais nova que o filho mais velho. E aqui temos uma variação. Não há mãos levantadas e algumas falas acontecem cadenciadas. “Onde se vê que a narradora é uma menina?” Mozi responde que mais ao final do texto e tenta localizar a palavra que indica ser uma narradora. Alguém comenta que achou serem quatro meninos. A filha tem seu gênero acobertado. Mas, outra participante diz que desconfiou, pois o texto dá dicas. Só ela pode mexer na torradeira. Mas não é a mais velha. Ela é a segunda mais velha dos irmãos e é mulher. E por ser mulher, seria um desígnio “natural” ela cuidar da casa e dos outros. Observação sarcástica seguida de risos. Uma participante acha a palavra que indica ser uma menina: “Numa felicidade só, desatei aos pulos e abracei-o, perguntando-lhe, enquanto ele me sustinha pela cintura, o que comemorávamos afinal, ... e o meu pai disse-me ao ouvido, muito terno, que comemorávamos o aniversário da mãe, eu esquecida disso...”. Um verbo. Uma sutileza.

Uma participante relata que no começo da leitura, já se entende onde estamos e que podemos esperar um desfecho surpreendente. Mas ela esperava algo bem mais óbvio do que insinuação. E com este desenlace queremos entender o irmão. Como foi essa transformação para ele? A impressão que temos é que tudo começa com uma brincadeira que depois se transverte em uma forma de salvar a família. Seu comportamento muda sua identidade e aproxima-o à autoridade da mãe. Diferenciando-se da irmã que se torna sucessora dos trabalhos domésticos.

Mãos se levantam. As falas subsequentes articularam resumos do conto, voltando ao ponto de impacto que foi o irmão mais velho se colocar no papel da mãe para tirar o pai da procrastinação que afetava toda a família. Como ondas batendo em uma margem, as vozes se compõem em blocos de conteúdo, refrões que adquirem musicalidade. A repetição desse ato faz reconhecer uma estabilidade na constância. Mas sutis movimentos dissonantes possibilitam vislumbrar aberturas para movimentos transversais entre as linhas de pensamento. Os refrões são arrastados de sua territorialidade, efetuam-se em operações ativas,

criadoras. A música que se compõe no encontro faz da forma de expressão um conteúdo desterritorializante.

A transformação do irmão começa com uma brincadeira improvisada, destaca uma participante, e leu o trecho: “Quando viu meu pai dobrar a esquina do corredor, desatou a imitar a minha mãe, a sua voz, o seu sotaque, a sua forma muito particular de fazer de qualquer final de frase um doce pronto a enroscar-se no lóbulo da orelha de quem ouvisse”. Nas relações das retomadas, alguém destaca: “O feitiço veio pela voz.” O filho, antes de vestir-se com as roupas da mãe, vestiu-se primeiro com sua voz, com as tonalidades e expressões que ela utilizava. Ele se apropria dessa voz, mas com notas destoantes que o levam a uma linha criadora. No entanto, há uma configuração que permanece. Ao tentarem sair de uma situação de luto e abandono, os filhos mais velhos mergulham na “loucura” do pai e em uma composição (in)familiar.

Surge uma ramificação no pensar oralizado. A disposição e organização do conto de forma segmentada, sem alguns sinais de pontuação, cria uma quebra de continuação relevante na história. Uma participante articula a quebra da realidade como era com a mãe e a tentativa de continuidade, ressaltando que essa forma do conto é significativa. Não só interessante. E a leitura oral é desafiadora, pois as pausas não são claras. O que fazer com os intervalos? Prosseguir. Pausar. O conto exige mais de uma leitura.

Mozi destaca na tela o trecho: “na verdade, eu e o meu irmão, que tínhamos 12 e 13 respectivamente, visto os de 4 e 3 não contarem para aquele singular sufrágio”. Este trecho poderia não existir ou estar entre parênteses. A palavra anterior, “decidir”, está ligada às posteriores, “que aquilo”. Então, se lermos saltando alguns trechos recuados, pode ser que mude o sentido. Há um jogo na leitura que nos faz ler mais de uma vez este conto para tatear esse sistema de arranjos rítmicos que é um recurso utilizado na poesia, recordou Mozi. Destaca-se que o autor utiliza uma forma de estruturar o conto que traz outros ritmos e sentidos à leitura. Uma forma de expressão criadora do autor e dos leitores.

Contos assim nos mostram não haver uma estrutura única e uma direção pré-estabelecida, mas interações indiretas entre elementos.

Como um rizoma, ele se espalha em várias direções, cria conexões impensáveis, sendo aberto a infinitas possibilidades de interconexões. Podemos estar em movimento, sermos afetados e escapar das repetições. Não isolar. Não limitar a produção de subjetividade. Convidados a ver a realidade como uma rede complexa de relações e de forças que se entrelaçam sem ter um ponto único e um destino definido. Podendo os agenciamentos se desdobrarem e as experiências surgirem, provocando nossa relação com o conhecer. Um modo de estar e pensar se criando, em vez de somente reproduzir os já conhecidos.

Outra quebra manifestada foi sobre a escolha do autor em transformar o menino na mãe e não a menina. O texto sai do óbvio. E não acontece de imediato, mas prevemos que vai acontecer. “Mesmo querendo que não aconteça.” Uma participante comenta que o autor vai deixando pistas pelo texto e expõe a transfiguração do menino somente na parte final. O autor vai fazendo uma preparação vagarosa, apresentando o espaço, dando a conhecer o pai e o estado em que se encontra. Ele estaria tão deprimido a ponto de fazer esse contraponto delirante de começar a ver o filho como sua esposa e arrastar o filho para esse delírio? Vai passando a sensação de que seria verossímil. “Isso pode acontecer.” Mas as crianças menores se assustam ao ver o irmão de vestido. Elas choram. “O que está acontecendo?” Elas trazem o olhar de estranhamento à cena. Pausa. Há um transcurso nas atitudes do filho mais velho, mostrando seu processo de crescimento na puberdade sendo alterado. Desconforto.

Bifurcação. Um participante evidenciou o luto no conto. Na ausência da mãe, como o pai fica? Como ele vivia com ela? Como era a família dela? A irmã vê o irmão travestir-se paulatinamente, levando ao choro dos miúdos até a gargalhada no final. O participante afirma não conhecer nenhum caso de travestir-se no núcleo familiar para aliviar a dor da ausência. A bebida do pai. A agressividade. A raiva. O luto precisa agredir aquela que foi embora, aquela que os deixou em desamparo, para que ele possa ser concluído. Mas o inusitado acontece nesse conto.

Ao final da conversa, o desfecho do conto se destaca. A relação entre textos com linguagens variadas e gêneros diferentes surge nas falas.

O romance de William Faulkner, “Enquanto agonizo”, foi mencionado, destacando uma outra forma dos filhos lidarem com o luto pela mãe. Uma participante diz que se lembrou do filme *Psicose*. Vestir-se de mãe foi sombrio. E movimenta uma dúvida. Será que realmente foi só uma coisa de se travestir, de encenar para a família, como uma forma de lidar com o luto? Ou por trás havia uma relação incestuosa? Não há evidências no texto. Mas... o pai bêbado, de repente, vê o filho vestido como a mãe... nos coloca a pensar.

O filme *Psicose* também foi lembrado por outra participante. “Impressionante como um filme de suspense pode ser leve comparado com esse conto.” E no conto, em inglês, fica claro esse tom incestuoso no final. Uma questão de tradução. Imagine como é complicado. Mozi salienta poder pensar o que o texto lido no encontro trouxe até o ponto final. Somente em um momento a narradora trouxe um contato físico entre eles: “um carinho na peruca farta do meu irmão”. Se houve ou haverá uma relação incestuosa, é uma interpretação nossa, leitores. Uma ampliação nos agenciamentos. Possibilidades. Por causa da palavra “quarto”, imaginamos um cenário. Não está no texto que houve algo entre eles, mas também não podemos negar. A narradora omitiu? Ou desconhecia? Palavras não ditas pairam nas entrelinhas dos pensamentos. Molestam. Transtornam.

Houve nesse encontro toda uma dinâmica rizomática que ultrapassou as páginas do conto e invadiu a própria dinâmica do grupo de leitura. Tramas, processos, misturas que me propus a cartografar quando me dediquei a acompanhar o rizoma urdido nas diferentes dimensões dos ritmos das vozes que atravessaram o encontro. A voz se fez agenciamento rizomático logo no início do encontro, quando das decisões quanto à leitura do texto: ele seria lido em um sotaque português. O sotaque escolhido, mais do que uma variação sonora, se transformou também em um ritmo que compôs um vetor de subjetivação identitária e que trouxe ao grupo uma outra perspectiva de escuta. Naquele momento, a voz, e seu consequente sotaque, apresentou-se ao grupo como uma intensidade que amplificou uma

experiência de leitura e ajudou a agenciar outras sensações no encontro com os participantes.

Assim, foi realizada não somente uma leitura, mas a composição de um ritmo que igualmente se agenciava à estrutura do texto: com seus cortes, pausas, intervalos, respiros, alusões. Esta estrutura textual parecia também compor um ritmo que se agenciava com a voz de quem lia e com o sotaque que era apresentado. Sotaque este que produzia efeitos diferentes quando o texto era lido em inglês, como comentou a participante que o lera anteriormente nesta língua.

E, ao cartografar o ritmo da voz naquele encontro, segui um rizoma que, se em um primeiro momento agenciou a voz da leitora, o sotaque português e a própria estrutura do texto a exigir da leitora pausas na voz, em um segundo momento se agenciou à voz do silêncio que se seguiu ao término do texto lido. Era uma inicial ausência de vozes que talvez expressasse o som de um possível estranhamento. Era potencialmente um estranhamento conversar com outras vozes que se fizeram vivas no texto lido, como a voz do filho que, como já dito, antes de se vestir com as roupas da mãe, vestiu-se primeiro com a voz, com as tonalidades, ritmos, enfim, como o sotaque que ela utilizava.

Dessa maneira, temos que o timbre, o tom, as nuances, o “sotaque” da voz da leitora do texto faziam rizoma com os sotaques do filho a se agenciar às vozes (e trejeitos) de sua mãe. Vozes, assim, a produzirem diferentes vetores de subjetivação nos ritmos que colocavam em movimento: tanto na história lida quanto nas vozes e silêncios daquele grupo de leitura que a debatia. Pois, como apresentado, mesmo nos silêncios – mesmo no ocultamento das vozes – poderiam ser seguidos nuances a indicarem caminhos interpretativos possíveis.

O silêncio do grupo após a leitura podia indicar o grito do estranhamento do incesto insinuado, da pedofilia não dita, da outra configuração de família que se afirmava no estranhamento de uma singularidade. A voz do silêncio que poderia gritar através das nuances, da mesma maneira que foi somente seguindo as nuances do silêncio que o grupo intuiu que a criança que narrava a história teve possivelmente seu gênero ocultado. Sua voz de mulher foi silenciada.

Assim, aquele encontro se fez transversalizada no rizoma da voz, nas composições em agenciamentos que colocavam em uma zona de vizinhança os sotaques, as rupturas nos ritmos da leitura, as rupturas nas falas dos participantes, os silêncios e “gargalhadas” a ativarem estranhamentos. Aquele encontro, mais do que um exercício de interpretação, era uma prática de composição “entre” vozes a expressarem diferentes camadas de subjetivação. Malícia na escrita. Gradação dos acontecimentos. Sistema familiar estipulado e uma nova ordem de configuração estruturada. Estranhamento. Um modelo de representação enraizado em nós é impactado por outra maneira de fazer e saber. Escape de uma atitude naturalizada. Rizomas. Agenciamentos. Multiplicação de vozes. Tensão causada por um desfecho aberto. Incerteza do porvir e criação de possíveis. Probabilidades. Expectativas. Se a conversa tem seu tempo para terminar no encontro na roda, os efeitos das vozes agenciadas podem ecoar para além daquele encontro virtual e fazer rizoma com tantas outras vozes a singularizarem cada participante.

Referências

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escrita nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BARBOSA, Mozilene Neri. *O grande diálogo da literatura em biblioteca pública*. Campinas, SP, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/968412>. Acesso em: 15 set. 2023.

BARBOSA, Mozilene Neri. Da palavra ao gesto: o ato de ler literatura. In: PRADO, Jorge do (org.). *Mediação: da leitura literária em bibliotecas*. Rio de Janeiro: Malê, 2019. p. 23-33.

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROMÃO, Valério. *Da família*. Lisboa: Abysmo, 2014.

SIMONINI, Eduardo. Linhas, tramas, cartografias e dobras: uma outra geografia nos cotidianos das pesquisas. In: GUEDES, Adrianne Ogêda; RIBEIRO, Tiago (orgs.). *Pesquisa, alteridade e experiência: metodologias minúsculas*. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019. p. 73-92.

TEDESCO, Silvia Helena; SADE, Christian; CALIMAN, Luciana Vieira. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 25, n. 2, p. 299-322, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/ZHyYWDpHhhdhFg4RK9ggfPpD/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2023.